

KUMBHAKARNA

Por Murilo De Paula

“Contempla os males aumentados por estarmos acordados e sujeitos à razão.

Minha única lei são os sonhos. ”

*Fala de Kumbhakarna, o gigante do poema épico hindu
Ramayana, versão recontada por William Buck*

*“Nós, Yanomami, quando queremos conhecer as coisas, esforçamo-nos para
vê-las no sonho. Esse é o nosso modo de ganhar conhecimento.”*

Davi Kopenawa, xamã yanomami

O gigante habitante do mundo dos sonhos, Kumbhakarna, surgiu diante de mim como uma paisagem virgem, o chamado a um mundo regido por outras leis. Era essa a questão que me era colocada diante de sua fala, que leis seriam essas que regem o mundo indomável e mutável dos nossos sonhos? Sempre fui fascinado por toda obra de arte que ousasse mergulhar com profundidade no universo onírico, que me levasse a fruí-la como um sonhador, quebrando as barreiras do “real” e me convidando a um mundo mais denso, reconhecido por sua matéria, um mundo quase tátil, mas que para além de qualquer lógica ou racionalidade, se transmuta, sobrepõe os corpos que o compõe, se fragmenta ou se dissolve, nos transportando em fluxos inesperados. É essa a sensação sempre vívida ao ler Kafka, autor que, quando eu era adolescente, abriu meus olhos para um imaginário literário regido por estranhas leis. Essa propensão ao sonho foi o que regeu meu interesse também juvenil pelo surrealismo ou pelas pinturas de Hieronymus Bosch, com seu derrame de figuras grotescas, animais, humanoides e antropozoomórficas, habitando e praticando as mais insólitas paisagens e ações.

Desde quando comecei a estudar e escrever dramaturgia em 2006, meu desejo era já arriscar-me em uma estrutura que se articulasse não por sua causalidade e articulações lineares de tempo, espaço e ação. Comecei por experimentar a escrita dramática a partir das estruturas da memória, conexões por analogia, processos de condensação, redução etc. Parecia-me que essa forma de estruturação pudesse apontar uma obra mais condizente com a maneira como apreendemos e constituímos a realidade. Anos depois meu interesse começou a migrar da memória para os sonhos, uma vez que este parecia compartilhar uma série de processos cognitivos e estruturais mnemônicos, mas abria um portal para um mergulho mais profundo no subconsciente, era um espaço formal ainda mais livre. Foi este rompimento do mundo empírico, “real”, para um espaço onírico, que busquei concretizar na escrita da peça

Ana não está durante a minha participação do *Núcleo Experimental de Dramaturgia Sesi/British Council*, em 2011-2012. No entanto, foi ao integrar a Cia Teatro Balagan, quando comecei a estudar as culturas ameríndias e ao ler o épico Ramayana, que pude começar a compreender uma outra natureza do sonho. Vimos de uma tradição em que o sonho é reconhecido como uma expressão de nossa subjetividade, nosso conteúdo oculto nas profundezas de nosso subconsciente. Mas no mundo indígena e para a cultura hindu, o sonho não parece ser um espaço subjetivo, mergulho para dentro de si, mas um espaço objetivo, um voo para fora de si. O Xamã ao sonhar acessa e transita por outros mundos, realiza ações concretas de trocas e negociações com outras humanidades e naturezas (os animais, as plantas, os seres), através dos atos realizados em sonho é capaz de manter o equilíbrio de seu povo e do planeta. O sonho é uma forma de conhecer. De maneira semelhante a cultura hindu concebe o sonho como um estado de consciência, em que não se está em repouso ou inativo, mas em plena atividade.

Kumbhakarna, é uma peça-sonho, em que as conexões de espaço, tempo e sujeito, são regidas por leis oníricas, assim como sou capaz de sonhá-las hoje. É um mergulho-voo em um espaço de aprendizagem, onde o gigante Kumbhakarna me empresta seus olhos para poder olhar para objetos grandes demais para nossa razão, esses outros gigantes que se erguem diante de nós e que já não conseguimos mensurar: a Nação Brasil, o Neoliberalismo predatório, a intrusão de Gaia. Que os olhos do sonho nos ensine a ver!

Nenhum voo é solitário, Kumbhakarna é uma peça fruto de muitos encontros antigos e recentes. Foi escrita com apoio do Programa de Ação Cultural – edital 34/2015 – Texto de Dramaturgia – Bolsa de Incentivo à Criação Literária, o que possibilitou o desenvolvimento de uma pesquisa menos solitária e com maior profundidade. Agradeço profundamente aos parceiros que integraram o Grupo de Estudos sobre Sonho e Dramaturgia, Ana Musidora, Diogo Cardoso, Heloiza Abdala, Rafael da Mata, Tadeu Renato e aos belíssimos e provocativos encontros com Luís Alberto Abreu, João Carlos Gonçalves e Claudio Willer; agradeço às atrizes e atores Ana Musidora, André Moreira, Carol Badra, Ederson Miranda, Jhonny Muñoz, Flávia Teixeira, Gisele Petty, Jimmy Wong, Leonardo Costa, Mariana Muniz e Paulo Henrique Sant Anna por darem voz ao texto nas leituras dramáticas. Agradeço à Marici Salomão por acompanhar-me nos primeiros passos. Agradeço à mestre e diretora Maria Thais, com quem aprendo a cada dia. Agradeço à Kanzelumuka, por tudo o que dividimos.

Alguém que fala e traz algo entre as mãos

Alguém que interroga de mãos vazias

Jovem

Manifestante

Enfermeira / Mãe

Policiais

Coro / Kumbhakarna

Aquela que é a Manifestante e o Jovem

Pássaro

Velha Índia

PRENÚNCIO

ALGUÉM QUE FALA E TRAZ ALGO ENTRE AS MÃOS, ALGUÉM QUE INTERROGA DE MÃOS VAZIAS.

— ... vou dizer de outra forma. Tenho uma memória de infância: um menino encontra um pequeno peixe em uma poça d'água, tenta apanhá-lo com as mãos, o peixe escapa nadando de um lado a outro, o garoto insiste, a água vai tornando-se turva e ele às vezes tem que deixar a areia baixar para enxergar o peixinho. Finalmente consegue apanhá-lo na concha das mãos, quer mostrá-lo ao pai, no caminho percebe que a água escorre entre seus dedos, apressa-se. Ao chegar até o pai estende os braços, feliz, veja pai! Então, toda água já escoou. Na pequena concha de suas mãos: barro, algum graveto, folhas em decomposição, o peixinho se debatendo com os olhos cobertos de areia...

— A história que acaba de me narrar é uma metáfora para essa obra?

— Não, é a primeira fala.

— O que acontece depois?

— Não sei. Acabei de inventar isso... (Silêncio) Talvez o garoto ainda não tenha ouvido a palavra morte, mas diante do peixe que se debate frio em suas mãos ele compreende algo sem palavras. Percebe uma vida em risco acontecendo fora de si e por um breve instante ele se torna o garoto, o peixe, a água escoando, a voz grave do pai, folhas decompostas, areia sobre olhos destituídos de pálpebras, todas essas coisas a um só tempo.

— E como ele reage?

— Como peixe ou garoto? Areia ou graveto? Não se pode agir sendo muitos ao mesmo tempo, era preciso escolher.

— Ele fez a sua escolha?

— Ainda não, aquele momento é agora.

— E o que você traz nas mãos?

— Gigantes, alguém jovem, um olho que se apaga sob o sangue que escorre, um trilho de formigas, coisas grandes e miúdas.

ESTAMOS ENTÃO DIANTE DESSA PAREDE DE UM BRANCO HOSPITALAR. ESTERILIZADA DE TODO SANGUE E PUS QUE DIARIAMENTE TESTEMUNHA, INDIFERENTE A TODA DOR ALHEIA. OLHAMOS PARA ELA COM O TÉDIO AMARGURADO DE UM ACOMPANHANTE DE QUARTO QUE HÁ MUITOS DIAS VELA O SONO DE UM PARENTE, SENTADO EM UMA CADEIRA DESCONFORTÁVEL. HÁ UM JOVEM DEITADO EM UMA MACA, TEM UM DOS OLHOS COBERTO POR UM CURATIVO. HÁ UMA CADEIRA VAZIA AO LADO DO LEITO. VEMOS ENTRAR DUAS MULHERES VESTIDAS COM JALECO BRANCO, PARECEM SER ENFERMEIRAS.

Enfermeira – Já faz quase seis meses. O quadro finalmente teve uma melhora, ele está respondendo muito bem nos últimos dois dias, a atividade cerebral está se normalizando e em breve ele poderá despertar. Pode ser a qualquer momento, por isso entrei em contato como você me pediu.

Manifestante – E esses dois no corredor?

Enfermeira – Estão cumprindo ordens. Se revezam na vigília para evitar fotógrafos e repórteres, mas já não parecem tão preocupados. Depois das primeiras semanas a imprensa deixou de vir com tanta frequência.

Manifestante – Já estão ocupados com outras coisas.

Enfermeira – Sim, mas nunca se sabe, quando você menos espera eles te surpreendem. Bem, você tem algum tempo. Talvez seja o momento de tentar acordá-lo.

Manifestante – Obrigada.

Enfermeira – Tome cuidado. (Aponta uma cadeira vazia) Tem outra pessoa dormindo neste quarto.

Manifestante – Quem é?

Enfermeira – A mãe dele. Está aqui desde o primeiro dia, raramente sai. Bom, mais uma vez eu te peço atenção. Quando eles voltarem, não vão gostar de te encontrar por aqui.

Manifestante – Eles adorariam me encontrar aqui.

Enfermeira - Eu não gostaria de perder meu emprego.

Manifestante – Não vou te comprometer, fique tranquila.

Enfermeira – Vou te deixar a sós com ele, volto em 10 minutos.

A ENFERMEIRA TIRA O JALECO E SE SENTA NA CADEIRA VAZIA, AGORA É A MÃE ADORMECIDA.

Manifestante – (Aproxima-se do leito) Oi desconhecido. Agora eu sei o seu nome. Não somente eu, afinal, seu rosto ensanguentado esteve estampado nos jornais. Você ainda não sabe para onde as coisas caminharam. Enquanto você dorme, posso dizer assim, que você está dormindo? Enquanto dorme, a merda toda foi pisada e repisada. Quando acordar vai se assustar, e eu não consigo saber se invejo ou não a sua inconsciência. Tem sido duro encarar a realidade. Neste momento, há dois urubus lá fora, caminham pelos corredores vestidos como civis. Não querem que nós cheguemos até você, querem esconder a verdade, mas nós temos os nossos meios, estamos na rede, indo para as ruas, ações fortes. Querem fazer de nós uns criminosos, criminosos por pensarmos diferente deles, agem violentamente, a única linguagem que conhecem. (Silêncio) Faremos tudo para te proteger, os advogados que apoiam o

movimento estão cuidando do seu caso. Quando você acordar, eu, nós, estaremos ao seu lado para retribuir. Hoje vim para agradecer.

Mãe – (Acordando) Quem é você?

Manifestante – Sou nova aqui.

Mãe – Então eu conheço o lugar melhor do que você, já sou da casa. Nunca apagam a luz, o tempo aqui demora a passar, parece uma eternidade. Passo horas sem conseguir dormir, às vezes acordo assustada, olho o relógio, são duas, três horas da madrugada. Minhas costas doem muito, eu me levanto, vejo se ele está bem e caminho pelos corredores. Sempre muito brancos e iluminados. Vou até a maternidade, gosto de ver os bebês pela vitrine, vários bercinhos um ao lado do outro, as famílias tirando fotos através do vidro. Todo dia tem crianças novas chegando e gente alegre, tem até uma lojinha onde podemos comprar roupinhas. As pessoas ali me parecem mais alegres. Fico um tempo e retorno para o quarto. Aqui é muita dor. Às vezes, as enfermeiras me dão um comprimido para dormir, mesmo assim é difícil, nunca apagam a luz, a gente está sempre acordada.

Manifestante – A senhora é a mãe?

Mãe – Sim. Vejam o que fizeram com o meu filho.

Manifestante – Eu me lembro dele... dos jornais. Ele agiu como um herói.

Mãe – Meu filho nunca esteve envolvido em questões políticas. Ele voltava do trabalho quando isso aconteceu, essas manifestações agora estão por toda a parte. Ele devia ter evitado, feito outro caminho.

Manifestante – Tem hora que não tem desvio. Ele foi muito corajoso.

Mãe – Pagou caro pela coragem. Agora tornaram nossa vida uma novela, fotos nos jornais, na internet, os vizinhos perguntando, alguns viraram a cara, me olham como se eu fosse a mãe de um marginal.

Manifestante – O que importa é o que a senhora acredita.

Mãe – Para mim importava que ele estivesse com saúde, que não se envolvesse em nada disso e continuasse como ele sempre foi. Agora estão fazendo essa novela, para alguns, vítima, para outros, bandido. Por isso, sempre aconselhei a discricão. Se você não se mete com essas coisas ninguém vai ter o que falar.

Manifestante – As pessoas são cruéis em seus julgamentos... como ele era, no dia a dia?

Mãe – No dia a dia?

Manifestante – Sim, eu só o conheço dos jornais...

Mãe – Em uma das histórias imaginadas sobre meu filho ele tem um irmão, um irmão que não parou nunca de crescer, os médicos nunca explicaram e nem conseguiram contê-lo. Ele ficou tão grande, mas sua mente é ainda a de uma criança, acho que será sempre assim. É muito

difícil cuidar de uma criança tão grande e eu me perguntei tantas vezes porque teria sido castigada dando à luz a um filho assim. Ele cresce e os cômodos ficam pequenos. (Tomando a mão do filho no leito) É ele quem me ajudava com os cuidados do irmão. Nos finais de semana passava o tempo com o gigante no quintal, tinha muita paciência com ele. Como pode uma criatura tão grande passar a maior parte do tempo debruçado sobre os formigueiros no quintal, observando a vida daqueles insetos pequeninos, espiando a trilha deles nos cantos dos muros, os pequenos buracos no cimento por onde entram e desaparecem, como escalam a pequena árvore para picarem suas folhas. Sabe que um dia os dois foram a um museu para verem o que havia dentro de um formigueiro? Num desses terrários. Foi um presente para o Gigante, voltou tão feliz... Ele está sentido falta do irmão, o seu pranto é do tamanho de seu corpo... mas essa história já foi descartada.

A MÃE SAI, PASSOS MUDOS. O JOVEM ACORDA, TEM UM JORNAL NAS MÃOS COM SUA FOTO ESTAMPADA. ELE TEM UM DOS OLHOS COBERTOS POR UM TAMPÃO. PASSA UM TEMPO OLHANDO FIXAMENTE PARA O JORNAL COMO DIANTE DE UM ESPELHO.

Manifestante – Bom dia.

Jovem – Este é meu rosto?

Manifestante – É como você ficou conhecido em todo o país.

Jovem – Isto foi ontem?

Manifestante – Só para você. Ontem você salvou a minha vida. Agora estão nos perseguindo, dizendo coisas horríveis. Alegaram que você estava armado, que reagiu com violência, que depredou o patrimônio público, enfim, não é novidade, agiram como sempre agem. Empregam sempre as mesmas palavras para distorcer os fatos. Mas eu sei o que aconteceu, nós sabemos. É quase um milagre você estar vivo. (Silêncio) Vim te agradecer!

(Abraça-o, ele se mantém inerte)

Jovem – Quanto tempo dormi?

Manifestante – Sua noite durou muitos dias, eu esperava ansiosa por este momento. (Silêncio) Você não deve se lembrar de mim, mas é a segunda vez que estamos juntos... Fico feliz que esteja de volta. Depois do que aconteceu com você muita gente foi para as ruas. Estamos na luta, mas não está fácil, gastaram milhões para colocar na rua tanques blindados, tecnologia israelense, armas de guerra usadas contra os civis. Contra nós. Querem nos calar.

Jovem – Quem é você afinal?

ENTRAM SUBITAMENTE DOIS GUARDAS À PAISANA, TIRAM DE SUAS BOLSAS SEUS UNIFORMES E ARMAS, VESTEM-SE, ARRASTAM O JOVEM PARA UM CANTO E O ESPANCAM COM OS CACETETES. SURGE ALGUÉM COM UM CELULAR E FILMA TODA A AÇÃO. OS POLICIAIS SE REVESAM, ENQUANTO UM BATE O OUTRO CANTA.

Policiais-

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce
Se em teu formoso céu, risonho e límpido
A imagem do cruzeiro resplandece

Gigante pela própria natureza
És belo, és forte, impávido colosso
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil
Ó pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil
Pátria amada
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido
Ao som do mar e à luz do céu profundo
Fulguras, ó Brasil, florão da América
Iluminado ao sol do novo mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores
"Nossos bosques têm mais vida"
"Nossa vida" no teu seio "mais amores"

Ó pátria amada
Idolatrada
Salve! Salve!

(Batem continência. Saem)

ENQUANTO OS POLICIAIS SE AFASTAM, UM DELES, AQUELE QUE MAIS BATEU, MASSAGEIA O PRÓPRIO PULSO. O CORPO DO JOVEM, ENCOLHIDO NO CHÃO, DÓI, EXAUSTO ATÉ PARA SE CONTORCER. ESFORÇO PARA MANTER CADA MÚSCULO EM SILENCIOSA

IMOBILIDADE, SOMENTE UM FREMIR INVOLUNTÁRIO, INTERMITENTE
COMO UM SOLUÇO, COMO UM FRIO QUE ATRAVESSA A CARNE.

Jovem – Os olhos queimam, lágrimas escorrem involuntárias, cubro nariz e boca com o braço, enquanto corro, corro, procuro uma saída entre ruas estreitas, respirar é difícil, a garganta vai se estreitando, a fumaça está em toda parte, fumaça branca das bombas, fumaça negra do lixo queimando no centro das ruas, bloqueios quase ingênuos diante do avançar duro das tropas de choque, batendo com cassetetes sobre os escudos, atiram nos manifestantes com balas de borracha, lavam as ruas com jatos d'água, a multidão se dispersa, escoo da avenida para afluentes estreitos, a multidão repartida, fragilizada, em fuga, eu em fuga, sigo um grupo de pessoas desconhecidas, estou com medo de ficar sozinho, medo da covardia sem rosto e sem nome que avança em armas, alguns com cães, outros sobre cavalos, me perco do grupo, toda decisão agora é minha, a cada esquina um segundo eterno de dúvida, devo virar aqui? Seguir em frente? Tento identificar de onde vem o som das tropas, os gritos, parecem vir de todo lugar, ecoando no centro da cidade, viro, um quarteirão vazio, outra esquina, viro, quatro soldados cercam uma mulher, ela está só, vão matá-la penso, olho para trás, ninguém está vindo, o que eu posso fazer? Eu, frágil como aquela mulher, nós dois frágeis. Vou fugir? Deixá-la? Não posso, o que é que eu posso? Um ato tolo, impensado, o único de que sou capaz neste momento, indivisível fração de tempo entre a decisão e o ato, corro em direção aos soldados, derrubo um deles, me coloco sobre a mulher, nós dois uma concha que se fecha entrelaçados, um abraço entre corpos trêmulos, ofegantes, agora só corpos, onde se esconde a alma? A consciência? Os sentidos? Corpos em absoluta intimidade superando a fraternidade, o sexo, o gozo, o medo, corpos na intimidade de enfrentarem juntos o limiar da morte, morre-se junto? Um abismo, nós dois ali suspensos, nós dois uma concha firmemente cerrada gestando a pérola de um poderoso afeto, nossa casca mole sobre as costelas, sob os cassetetes, o grito virado em silêncio. Escuridão. Silêncio.

Manifestante – Hoje eu vim te agradecer. Em nome dos outros também, nós estamos gratos.

Jovem – Não espere muito de mim.

Manifestante – Você é quem deveria esperar algo de mim. Te devo uma.

Jovem – Não espero nada de você. Somente que ouça que eu não sei se consigo caber onde você diz tantas vezes nós.

Manifestante – Não é um lugar confortável, mas é a única forma de nos tornarmos fortes o suficiente, nós.

Jovem – Compreendo... mas sempre me pergunto o que é estar verdadeiramente junto. Enquanto vocês seguiam pela avenida principal desta cidade empunhando cartazes, eu comia o asfalto de alguma rua estreita paralela, ou transversal, onde há menos luz. Foi numa dessas ruas estreitas que nossos caminhos se cruzaram, será numa rua estreita que talvez um dia você me reencontre, provavelmente só, nunca gostei de avenidas.

Manifestante - Tenho a impressão que não consigo te decifrar.

Jovem – Não há nenhum código no que te digo, nada a decifrar... por favor, somente diga àqueles que perguntarem por mim, que eu não sou vilão, nem herói, há muitos personagens nessa história, eu sou este. Aos outros, que nada perguntarem, não diga nada.

Manifestante – Como quiser, mas não é a mim que vão perguntar. Quero dizer, são poucos os que perguntam e muitos os que falam. Vê? (olha em direção ao voyeur) Tenho que ir, perdemos o controle. (sai)

O JOVEM OLHA FIXAMENTE A PESSOA QUE FILMA COM O CELULAR, O ANÔNIMO PARA DE FILMAR E PARTE, NÃO SABEMOS QUEM ERA, TALVEZ NÃO SAIBAMOS NUNCA E NEM IMPORTA SABER, MAS ESSE VÍDEO EM INSTANTES ESTARÁ NAS REDES SOCIAIS, IGUALMENTE SERVIDO AOS QUE APLAUDEM E AOS QUE SE INDIGNAM COM ESTE SANGUE DERRAMADO. A MANIFESTANTE TAMBÉM SE AFASTA. A ENFERMEIRA RETORNA E RECONDUZ O JOVEM À MACA, ENXUGA COM UMA GASE SUA FACE FERIDA. ENQUANTO ISSO, FAXINEIRAS LIMPAM O PISO, NOVAMENTE EM BRANCO LÍMPIDO.

Jovem - Pode me trazer um espelho?

ENFERMEIRA SAI, QUANDO RETORNA COM O ESPELHO É NOVAMENTE A MÃE, POSICIONA O ESPELHO DIANTE DO FILHO, QUE OBSERVA SEU OLHO CEGO.

Mãe – O que fizeram com você, meu filho querido? Seu irmão te mandou um presente, ele fez um desenho. Lembra-se dessa história? Aquela em que você tem um irmão gigante.

Jovem – Você insiste nessa história abandonada.

Mãe – Só tenho existido nela.

Jovem – Entendo. Vou te contar mais uma vez, essa é uma peça de histórias abandonadas. (Ao irmão imaginado) Meu irmão gigante, quero lhe fazer uma surpresa, te levo a um museu, um museu de criaturas pequenas. Aqui estão muitos insetos ociosos, espetados com alfinetes e

catalogados com etiquetas dizendo seus nomes latinos, vejo que dura pouco sua atenção para os insetos mortos, mesmo para as borboletas mais exuberantes e para os grandes besouros metálicos. Venha, vamos seguir. Essa outra sala é das criaturas vivas, cultivadas em terrários. Vê? É assim que elas vivem abaixo do chão, depois do buraco do muro para onde elas arrastam as folhas, no escuro da terra cavam túneis profundos, muitos deles. Caminham ali sem se perderem no labirinto onde qualquer outro se perderia. Aqui é o coração do formigueiro, armazenam as folhas neste bolsão, há um fungo que brota nas folhas e é do fungo que será alimentada a rainha e suas operárias. E a rainha alimenta o formigueiro de ovos, milhares deles, milhares de novas formigas conhecedoras do seu ofício: escalar as árvores, desnudar os galhos de suas folhas mais tenras, servir à rainha. Vê, mesmo você se debruçando sobre o formigueiro do quintal jamais seria capaz de ver o que estamos vendo agora, mesmo que você fosse muito pequeno e entrasse pelos túneis, ainda assim talvez não pudesse ver nada no escuro da terra. (Silêncio) Meu irmão, é engraçado você tão grande apaixonar-se por esses minúsculos de vida, que essa lágrima escorrendo sobre seu riso débil poderia afogar. Meu irmão, você é bonito.

Mãe – Obrigada!

JOVEM SEGURA O ESPELHO. A MÃE SAI E NÃO IRÁ MAIS VOLTAR.

Jovem – À noite, enquanto dormimos, o mundo dos insetos acontece em silêncio. As formigas são capazes de desnudar árvores inteiras enquanto babamos em nossos travesseiros. Batalhas ocorrem. Lembra, meu irmão, quando em nosso pequeno quintal surgiu um segundo formigueiro, tínhamos agora formigas amarelas e negras percorrendo todo o pequeno território. Numa dessas manhãs despertamos, você e eu, fomos com nossas canecas quentes de achocolatado para os degraus da varanda, sentamos, assopramos a fumaça e a fina crosta de nata que se formava. Olhamos o quintal, vimos, formigas negras e amarelas haviam travado uma guerra, seus corpos magros decapitados se espalhavam por todo o quintal, algumas sobreviventes arrastavam os pequenos cadáveres encolhidos para dentro dos formigueiros, somente os da sua espécie, o que significa isto, um sepultamento?

A ENFERMEIRA RETORNA E TIRA O CURATIVO QUE LHE COBRE O OLHO.
SUA FACE ESTÁ REFLETIDA NO ESPELHO. EM INSTANTES IRÁ DESCOBRIR: UM
OLHO VÊ DENTRO, UM OLHO VÊ FORA.

Enfermeira – O hematoma cobre seu rosto, o inchaço deforma sua face e as pálpebras fechadas ocultam o olho cego.

Jovem – É difícil abrir as pálpebras, mas quero ver, quero ver o vazio desta órbita. O buraco escuro e vazio. Ou então, o que vou encontrar é um globo cinzento azulado, a íris noturna e coberta por neblina, como o olho do vendedor ambulante de flores. Um dia eu chorava no meio da rua, ele surgiu e me ofereceu uma rosa, um botão feio de rosa. Eu estava nu e não poderia comprá-la. Então ele me deu a rosa mesmo assim... “Você está olhando meu olho?” ele perguntou. Não respondi, mas estava. Um olho azulado e sem brilho, o outro vívido. O vendedor ambulante de rosas sorriu e partiu, com seu buquê de flores murchas.

Enfermeira – Vamos lá, um pouco mais de esforço e poderá abrir os olhos.

Jovem – Então é isso, aí está.

Enfermeira – O que você está vendo?

Jovem – Não sei dizer, eu já estou acordado? Quando foi que eu despertei?

Enfermeira – Os seus dois olhos estão abertos. O que você vê?

Jovem – Dentro e fora. Eu me vejo diante de mim, um olho vê como antes, mas esse outro vê diferente. Ele enxerga dentro da escuridão e ali, no mergulho, no oco, tudo é habitado e possível. Eu cavo o osso duro no fundo da órbita com uma pá de metal frio, atravesso essa parede e sou toda a carne e sangue e nervo, um coração pulsa e eu o ouço como a um cavalo que trota. Um búfalo. Ouço uma respiração de trovão. O ressonar de um gigante. Quem dorme? Quem dorme? Deve ter um grande pulmão, mas eu não o vejo.

A MANIFESTANTE COM UM GRANDE PEIXE NAS MÃOS. ESTAMOS OLHANDO PARA ELA E PARA O MURO DE CONCRETO CINZA, VIOLADO PELAS PIXAÇÕES. ONDE ESTÁ O HOSPITAL? ONDE ESTÁ O BRANCO LIMPIDO QUE COBRIA TUDO? AGORA ESTAMOS NA RUA. O MURO SEPARA, O QUÊ? O MURO PROTEGE, QUEM? NO MURO PIXARAM: “O GIGANTE ACORDOU”, “GOLPE!” E OUTROS TANTOS MANIFESTOS, ENTRE ELES UMA PEQUENA E QUASE APAGADA DECLARAÇÃO DE AMOR. DO OUTRO LADO DO MURO OUVIMOS GRITOS, PANELAS, ERGUEM E FLAMULAM AS BANDEIRAS BRASILEIRAS.

Manifestante – Inauguraram o concreto, fizeram festa, tiveram a ilustre presença do governador, gente seleta e toalha de linho, serviram caviar e o mais fino vinho. Inauguraram um novo prédio, um novo muro, um novo lado de dentro, um novo lado de fora. Reinauguraram o velho, o concreto. O muro. Dividindo a esplanada, os corpos, as ideias, de um lado aqueles, do outro estes. Agora está mais claro, que tudo andava por demais misturado, confuso, que essa gente preta, índia, parda e pobre andava por demais esnobe, que a imoralidade e a desordem acabaria por apodrecer um país cristão, implantar o comunismo, enviar a nação, quebrar a economia. Os senhores decidiram então que era o tempo de retomar a Ordem, retomar a pena da História, olhar novamente para a grandeza deste país, que deve tornar a crescer e crescer e crescer. Esmague-se mais uma vez a tal ameaça comunista! Televisionaram a inauguração do novo muro, com aplausos e panelas e fogos e gritos e tiros. Posta a regra começa o jogo – lançar a bola para o outro lado, a bola, a bala, a bomba, por sobre o muro, sem precisar olhar na cara do adversário. Acho que estão jogando conosco, estão jogando sujo. Reinauguraram o Brasil, o concreto velho vestido de novo. Insuflaram novamente o lema empoeirado: Ordem e Progresso! O lema do rolo compressor, sob qual toda massa se iguala. Os brasileiros, os brasileiros, eis-nos aqui queimando em seu Brasil. Tingindo com o vermelho de nosso sangue e de nossa carne o seu solo, oh nação gigante. Sob o peso e orgulho de seu gigantismo esmagou e esmaga tantos corpos, tantas línguas, tantos deuses. Aos vermelhos, todos eles, nomeou-se índios; aos negros, todos eles, nomeou-se pretos. Aos pardos, todos eles, nomeou-se brasileiros. E a noite todos os gatos são pardos. Quem é que nos nomeia? Dizem nos telejornais, o povo brasileiro deseja, quer, não aguenta mais... mas quem é afinal o povo brasileiro? Sou eu brasileira? Você é brasileiro? Hoje, quando agarramos o direito de também nomear, de abrir nossa boca para contar com nossa própria voz outras versões da História, esses senhores querem nos calar. Quantas vezes já o fizeram, calar nossa voz, nossos corpos e, no entanto, diante do concreto florescemos. Da carne e do sangue de nossos avós germinaremos indefinidamente. Como ervas daninhas se assim o quiserem. Contra o concreto arriscaremos nossa pele fina e nossa língua. E hoje nós também os nomearemos, brancos, machistas, burgueses. E ainda dizem que estamos generalizando. Que isso é coisa de comunista, que queremos dividir o país, desestabilizar a ordem pública, a economia, a paz nacional. Velha Ladainha, senhores! Ouçam, Brasil é o nome da generalização. O Estado, a economia são a generalização. A escola, a polícia, a política, a fábrica, falam e ensinam a linguagem da generalização. O Brasil é a invenção de um gigante. É um gigante esquartejado. O Brasil são mentiras e golpes. E no dia 19 de abril cada criança,

loura, negra ou parda sairá da escola com duas listas verde e amarela pintada nas bochechas e um cocar de papel cartão, enquanto num outro Brasil, longe dos colégios infantis e dos noticiários de TV, pintam a terra com o sangue indígena. Onde a cana, o café, o pasto, a soja, comem carne humana, vêm lambendo tudo. Então senhores, não me venham com seus números e fórmulas enquanto houver sangue nosso alimentando vossos banquetes.

UM CORO DE HUMANOS DE OLHOS ESPANTADOS SE APROXIMA

Manifestante – Se aproxima uma multidão, mulheres, homens, velhos e crianças. Têm os olhos espantados que o tempo é de puro espanto. De onde vêm? Que má novidade trazem que carregam medo entre as sobancelhas?

Coro – Às vésperas do início dos jogos, jogaram água na pira Olímpica, por pouco não se apagou a chama anciã. Enquanto isso nossos governantes competiam em suas próprias modalidades de jogos e estavam ocupados demais em tentar limpar a lama de seus paletós, mas a lama já estava à altura do peito, começaram a subir uns nos outros como ratos durante uma inundação. Pisavam uns nas cabeças dos outros, erguiam muros, faziam acordos. Era essa a fábula narrada em intermináveis episódios. Estávamos, então, assim – dias atrás, meses atrás, ou daqui há alguns dias, quando ocorreu o inesperado. Sentimos tremer a terra, em pânico saímos de nossas casas e ficamos todos sem palavras olhando para o alto.

Manifestante – O que em nome da nação erguem dessa vez contra nós, que, apesar de toda crueldade diariamente assistida, ainda são capazes de nos surpreender. O que viram? Dias atrás, meses atrás, ou daqui há alguns dias, o que viram?

Coro – Vimos o que seus olhos também podem enxergar. A não ser que tenha perdido todos sentidos, impossível não ver. Ficamos atônitos, dos dois lados do muro houve pânico e pranto, tal era seu tamanho, tão forte seu passo, terrível a tempestade de sua respiração. Aquele dia é agora, você não vê?

Manifestante – Sim, ouço uma respiração de trovão. O ressonar de um gigante. Quem dorme? Quem desperta? Deve ter um grande pulmão, mas eu não o vejo.

Coro – Ergue-se acima dos prédios, onde nossos olhos encontram as nuvens.

Manifestante – Vi. Quem é? O que é aquilo que se levanta eclipsando o próprio sol, antecipando a noite?

Coro – Um gigante, deus, demônio. Esteve morto por milhares de anos. Desde quando, decepados por flechas encantadas, seus membros caíram sobre as terras e os mares e adormeceram em sono de morte durante muito tempo. Uma perna repousava sobre as cordilheiras do Himalaia, o joelho tornara-se um pico nevado; outra perna mergulhara nas águas profundas do Pacífico. O braço direito cavara na terra uma cratera, que o oceano invadiu, separando a África da Europa. O braço esquerdo, lançado à distância, caíra sobre o que no futuro seria chamado novo mundo. O tronco enterrara-se no Saara e foi coberto por dunas de areia onde os camelos caminham. A cabeça perdera-se no coração do Atlântico, as longas barbas cobriram o fundo do oceano, encrespou-se de corais e continuava a crescer lentamente como raízes aquáticas. Isto foi na época em que o tempo era dividido em milênios e não em anos.

Cansado da morte, o gigante encheu os pulmões e bocejou. Seus membros chamaram-se e se encontraram sobre a África, unindo-se ao tronco. Ergueu-se e olhou o mundo do alto, seus olhos, desacostumados da luz, enxergavam a paisagem embaçada. Sua pele endurecera como pedra e havia ganhado tons muito diferentes, a neve sobre o joelho direito começava a derreter-se, do peito despendiam-se tempestades de areia e em sua barba emaranhavam-se baleias, navios naufragados e toda espécie de criaturas marinhas. O braço esquerdo, repleto de árvores e até um pequeno vilarejo, era verde escuro. O gigante lavou o rosto em um grande lago de água doce, tirando dos olhos uma crosta de corais. Sorriu ao receber no rosto frio o calor dos raios da manhã. Estava faminto e avistando um rebanho de gado fartou-se devorando dezenas de bois.

Manifestante – Ser de insaciável fome! Digam, vocês, o que mais fez o gigante após horrendo banquete?

Coro – Caminhou sobre nossas cidades, pisou sobre casas e prédios esmagados ao azar de seu passo largo. Depois parou e olhou para baixo, curvou-se esforçando-se para ver as criaturas tão pequenas que aqui embaixo corriam sem qualquer direção. Éramos nós! O gigante sorriu, lembrou-se que um dia, muito distante, enfrentara um exército de homens e animais. Depois lembrou-se que estes mesmos homens o haviam matado. Que importa, no entanto, morrer ou viver? Curvou-se mais e apanhou, entre indicador e polegar, um exemplar da espécie humana. Coloca o pequenino e frágil ser na palma de sua mão. *Quem é você minúscula criatura?*

A MANIFESTANTE DEPARA-SE COM O PEIXE EM SUAS MÃOS, ATIRA-O NO CHÃO. OLHOS JÁ SEM BRILHO, SEM PÁLPEBRAS, SUJOS DE AREIA. O PEIXE APODRECE DIANTE DELA. E ELA, QUE AINDA ERA ELA, É TAMBÉM O JOVEM QUE UM DIA A SALVOU.

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Sou aquela que se debate e de quem arrancaram um dos olhos? Também estive dormindo.

Coro - E o gigante aproxima seu rosto da própria mão para ver a pequena órbita vazia. Seu olho era como uma abóbada celeste sobre a pequenina caolha. *É difícil ver algo tão pequeno quanto um olho humano.*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Despertei e ouvi sua respiração, então foi através desse oco que te vi despertar e erguer-se sobre as terras e mares e caminhar em minha direção. Despertamos, e eu sabia que entre todas as criaturas minúsculas você iria me encontrar.

Coro – *Pobre criatura, sabe quem eu sou?*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Não, mas te conheço do tempo em que estive dormindo, ouvi seu chamado. Sobre mim havia esse mesmo céu castanho. Sobre sua mão sei que pode me esmagar, como a uma pequena mosca, também sei que não fará isso.

Coro – *E o que faz você ter tanta certeza?*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Não tenho certeza, ainda assim eu sei. Estranhamente sei.

Coro – *Você é assim tão arrogante? Acreditar que eu caminharia através dos tempos para chegar até um pequenino verme como você? Com que propósito?*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Foi assim que o vi em meus sonhos, você vinha até mim, eu não tinha armas para enfrentá-lo. Você me tomava nas mãos e ficávamos nos olhando admirados. Eu me perguntava, como pode viver algo tão grande assim?

Coro – *Como pode viver algo tão pequeno assim? Então, você me fazia uma pergunta.*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Teria palavra no mundo que nomeasse tão desproporcional criatura?

Coro – *Meu nome é Kumbhakarna.*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Você é real?

Coro – (O gigante gargalha) *Essa pergunta é tola* – respondeu o gigante, que então já abria a enorme boca para engolir aquela minúscula criatura humana – *Agora conhece meu mundo, te empresto meus olhos. Não percamos mais seu curto tempo, vou te levar para ver algo grande demais para sua pequena visão.*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Engolida pelo gigante e ainda em sua mão, o mundo que eu via é que mudara... Um dia, em uma história abandonada, eu tinha um irmão gigante. O levei a ver as coisas pequenas. Você é meu irmão?

Coro – Kumbhakarna calado caminhava sobre as cidades e o tempo, o mundo visto muito do alto de onde cada homem era um pequeno grão. As cidades eram como escaras cinzas na pele da terra, os campos geometricamente divididos uma colcha de retalhos, depois começou a ficar tudo seco e empoeirado.

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – No horizonte, avistei um enorme vale, grande até mesmo para o gigante, o solo calcinado, petrificado, de fissuras no chão minavam um líquido preto e espesso como o piche, depois seguiam-se quilômetros e quilômetros de lixo, jogados sobre o solo morto. Carcaças de carros, móveis quebrados, resto de máquinas, eletrodomésticos, computadores, roupas, calçados, montes de concreto e entulho, embalagens, garrafas plásticas, latas, restos de alimento e merda e lixo hospitalar, acumulados em pilhas tão altas que pareciam, vistas tão do alto, dunas de um deserto que se perde no horizonte. Muitos homens e mulheres e crianças e animais domésticos e abutres e ratos reviravam o lixo talvez em busca de um alimento menos podre, de um enlatado com a data recentemente vencida, de um descarte do almoço de um restaurante caro, onde quem sabe restasse quase fresco um pedaço de carne. Mas ali tão do alto, mal se podia distinguir um homem da paisagem da qual fazia parte. Quadro terrível.

Coro – Kumbhakarna nada falou diante do espanto de sua acompanhante, apenas caminhava em silêncio.

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Parece-me que me leva para caminhar sobre uma tragédia conhecida.

Coro – Sim. Esse é o seu sonho que eu te dou a ver. Não mais a ínfima parte, mas o todo, a paisagem. Ali está o que vim lhe mostrar, grande demais para os olhos humanos.

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Vi então uma enorme árvore metálica que se erguia imponente e seus galhos vazavam as nuvens, milhares de luzes brilhavam em sua casca e folhas, seus frutos eram de toda espécie, desde os frutos que se esperaria naturais de uma árvore, àqueles imprevisíveis: carne fresca embalada, enlatados, TVs, celulares, carros, aparelhos de ginásticas, roupas, cosméticos, remédios, próteses, móveis, não havia nada imaginado pelo homem que a árvore não frutificasse. Aliás, parecia mesmo que a árvore por alguma intuição lia nas mentes humanas até os mais ínfimos desejos e materializava em fruto. Tudo crescia rápido, amadurecia e dava muito trabalho para ser colhido antes que despencasse no chão e apodrecesse ali mesmo, aos pés da árvore. Entorno dela milhares de homens trabalhavam, e aqui do alto, pareciam um pequeno exército de formigas. Colhiam, transportavam, poliam o tronco cromado e iluminado da árvore. Já era tanto o trabalho para mantê-la e consumir seus frutos, que todos aqueles homens e mulheres e crianças dormiam muito pouco, ficavam em constante vigília. Quando exaustos finalmente adormeciam e sonhavam com ela, ela havia se enraizado também em seus sonhos, em seus menores e maiores afetos. A árvore, mais do que tudo, fabricava desejos e era cada vez mais necessário protegê-la. Ao redor dela, num diâmetro maior do que o de sua magnífica copa havia uma muralha, dentro da muralha se comia os melhores e maiores frutos, aqueles que não eram consumidos e todo lixo produzido pelo banquete dos que ali viviam eram levados para fora da muralha, vendidos e revendidos até seus restos não servirem a mais ninguém, nem mesmo àqueles miseráveis que vasculham o lixo, nem mesmo aos ratos e baratas. Tudo se mistura enfim às enormes montanhas que eu havia visto, a árvore fabricava no mundo uma outra geografia. Será um pesadelo a paisagem que vejo, não será um mal sonho?

Coro – *Um sonho antigo de sua gente que se realizou. Plantaram um dia nessas terras a semente da árvore da fartura. Ela cresceu mais rápido do que se podia imaginar e continua a crescer. Seus frutos doces iludem os homens, seu aroma inebria e vicia as mentes, mas a árvore é caprichosa, quanto mais cresce, mais exige. Suas raízes profundas demais que já não se pode arrancar bebem toda água, petróleo e metal da Terra. Este vale em que caminhamos foi um dia terras altas, a árvore está comendo tudo abaixo dela, está afundando e o solo já não sustenta suas raízes. Cientistas de todos os tipos se reúnem entorno dela, não sabem como salvá-la, escoram seu tronco com pilares e tudo quanto pode sua engenharia, mas não admitem sua ignorância. Uns dizem que precisam alimentá-la para que suas raízes se tornem indestrutíveis, outros somente constatam que se continuar a crescer ela irá tombar e será o fim. Enquanto isso a árvore cava sua queda. Vê sobre sua copa? A árvore respira.*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Sim, é uma visão triste. Seu hálito exala fuligem e fumaça negra, que cobre o horizonte, já não se sabe se é dia ou noite. Já não quero ver mais, meu olho voltou a sangrar. Pode me levar daqui?

Coro – *E para onde quer ir?*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Kumbhakarna, que pode atravessar os portais do tempo e do espaço, me leve para longe da História, que já estou cansada dela.

Coro – *Meus olhos já são seus. Nas minhas terras pode transitar livremente. Mas antes olhe ainda mais do alto, o peito da Terra que se abre para além da árvore e desse deserto.*

Aquela que é a Manifestante e o Jovem – Seu corpo é vasto e se move, a árvore está cavando a Terra ou a Terra engole a árvore?

Coro – Kumbhakarna olhou para as palmas de sua mão, viu a pequena criatura humana ali e o céu castanho e úmido de seu imenso olho brilhou. Então, agora sim, ergueu a outra mão e esmagou o pequenino ser. Depois abriu suas mãos, espalmadas no ar. *São olhares diversos sobre o mesmo fato, a árvore que cai e se afunda. Muito tempo dormi no seio da Terra até seu chamado me despertar, conheço-a por dentro. Aqueles que sonham ouvirão seu grito. A Terra se erguerá como aquela que não conhece a História. Agora vá! Seu caminho se abre.*

DAQUELE MURO DE CONCRETO POUCO RESTOU, HÁ MUITO QUE O TEMPO COMEU A TINTA DAS PALAVRAS. A TERRA CEDEU SOB OS ALICERCES PROVOCANDO ENORMES RACHADURAS, REVELANDO, COMO SE FOSSEM AS COSTELAS DE UMA CARÇA, OS TIJOLOS VERMELHOS SOB A CAMADA CINZA DO CIMENTO. E DO CINZA E DO VERMELHO TAMBÉM POUCO RESTOU, APENAS RASTO DE COR COBERTO PELO VERDE ESCURO DO MUSGO E DOS LIQUENS, QUE ROEM EM UMIDADE LENTA A DUREZA DOS TIJOLOS. LESMAS E CARACÓIS, FAZEDORES DE CAMINHOS E TAMBÉM CONHECEDORES DE UMIDADES E DA LENTIDÃO, ROIAM VAGAROSAMENTE A SOLIDEZ DO MURO. O TEMPO FABRICA AS RUÍNAS COM OS OLHOS DE UM ARTESÃO, ALIMENTOU NA PEDRA A RAÍZ DE UM ARBUSTO, QUE AGORA JÁ É UMA ÁRVORE AGARRADA AO MURO. AO REDOR UM VAZIO DE GENTE. EXCETO, É CLARO, POR AQUELA ÍNDIA CENTENÁRIA, SENTADA DIANTE DO MURO, COMO SE OLHASSE PARA ELE. CENTENÁRIA SÓ POR SER ESSE O LIMITE BIOLÓGICO DA ESPÉCIE HUMANA, MAS IMAGINEMOS QUE GUARDE EM SUAS RUGAS AS HISTÓRIAS TODAS DO MUNDO.

Velha índia- Pequena ave negra que pousa em meu ombro, de onde vem?

Pássaro - Venho de muito voar e muito me perder.

Velha índia - Há muitas noites sonhei que viria, que faria uma jornada longa e era preciso ajudá-la a encontrar o caminho, todas as noites então eu a chamava. Meu canto ecoou por essas terras vazias no silêncio escuro da noite. Na última lua senti o bater de suas asas, as penas encharcadas de suor, então eu sabia que estava perto e cansada, pequena ave negra pousada em meu ombro. Mas diga de onde vem, que não vem de ser pássaro?

Pássaro – Vim de ser um jovem a quem arrancaram o olho, vim de ser uma mulher, vim de lutar nas ruas e de habitar a mão de um gigante, vim de conhecer a extinta árvore da fartura. Depois, Kumbhakarna esmagou-me em suas mãos, acordei pássaro e não sabia voar. Caía num abismo, bati forte minhas asas negras e fui aprendendo a me equilibrar sobre os invisíveis caminhos de ar. Abaixo de mim, percebia somente um tímido cintilar que acompanhava meu voo, como escamas de um peixe que refletissem uma luz mínima e azulada sob a face da água, não sei dizer quem de nós guiava o outro, como sombras mútuas atravessávamos um lago noturno. Depois um olho se abriu diante de mim. Atravessei. Voei sobre os tempos sem encontrar pouso. Tudo vi passar, séculos e gerações. Vi passar a era dos homens. Voei no vazio até o limite de minhas asas.

Velha índia – Coma destes grãos que me nascem na palma desta mão e sacie sua fome de tanto voar. Beba desta água que brota na palma desta mão, que este líquido é raro e você deve estar com saudade do frescor.

Pássaro – Meu corpo agora se fortalece. Minha mente parece pousar sobre uma memória antiga, creio que um dia muito distante estive diante desse muro que agora vejo, mas antes havia uma cidade.

Velha índia – Cidade já não existe mais, só esse muro que é a memória dela e de todas as outras que foram engolidas pelos mares e pela grande tempestade de areia. Agora estão nas profundezas da Terra e das águas salgadas que invadiram os litorais. A grande árvore brilhante cavou o chão tão profundo que despertou a fúria da Terra, pela ferida aberta em seu ventre fugiram do centro do mundo os espíritos do fogo, os demônios marinhos, o grande vento. Nossos xamãs cantaram dia e noite para acalmar a Terra, mas os brancos mataram os últimos dos nossos mais velhos. O coração da Terra ferveu tanto que não podíamos mais suportar o calor. A terra fértil tornou-se pouco a pouco areia e a roça já não crescia mais, assustados os espíritos dos bichos fugiram para muito alto e seus corpos começaram a morrer. As grandes

plantações dos brancos, isso também acabou, e eles ficaram com mais raiva e fugiam com seu povo para onde ainda podiam viver. Mas a Terra já não queria mais nos dar seu colo, a grande tempestade não tinha fim, uma grande nuvem de areia fina comia as árvores, as florestas, secava os rios, cobria as cidades. Os mares, com seus mil punhos, lavavam e salgavam os litorais arrastando tudo o que houvesse. O que os brancos chamavam país já não existia, invadiam as terras uns dos outros com as armas deles. Mataram-se muito em busca do resto de água limpa ou de onde ainda se podia cultivar, mas estavam tão acostumados a comer sem parar os frutos da árvore de metal, que já não sabiam mais conversar com a Terra, não sabiam as palavras sagradas para germinar as sementes. A mãe que tanto tempo nos abrigou em seu colo, agora erguia-se para deitar sobre os corpos frágeis de seus filhos. Um dia, depois de muito sofrimento até o Céu acabou por despencar arrastando o sol e as estrelas e foi uma noite muito longa.

Pássaro – Dentro dessa noite eu voava sem conhecer a direção. Vagava num interminável voo noturno antes dos dias voltarem a amanhecer. Muito tempo passei sobre as terras vazias onde nada havia de vivo, nem árvore, nem bicho, nem rio. Hoje, quando já não tinha mais forças para continuar, encontrei pouso aqui sobre seu ombro magro, a pele seca sobre ossos agudos. Sentada diante desse muro antigo, em ruínas, mas que tem sobre ele toda a vida que não vi em lugar algum. Se tudo morreu ao redor, como pode ter sobrevivido ao fim.

Velha índia – O mundo acabou para o meu povo muitas vezes, aprendemos a viver além do fim. Agora que a Terra engoliu as cidades, os espíritos dos homens estão furiosos por estarem enterrados abaixo do solo, eles gostavam muito mesmo da vida que levavam, apaixonaram-se pela árvore que eles criaram e acharam que seus frutos nasceriam para sempre. Toda árvore dura mais que um homem, algumas ficam mesmo muito velhas e já existiam bem antes dos nossos avós, mas elas também têm seu tempo, um dia apodrecem e tombam no meio da floresta, assim aprendi com nossos mais velhos. Mas os brancos não acreditavam nas nossas palavras, acreditavam que a árvore que criaram não teria fim, porque era toda feita de aço. Agora seus espíritos estão se remexendo com raiva debaixo de nossos pés, quando se acalmarem e a Terra se esquecer deles a vida voltará a florescer em toda a parte. No último dia do mundo, quando meu povo desapareceu, guardaram em mim todo seu conhecimento, eu era pequena ainda, mas como a semente que guarda a árvore eu levava em mim todas as palavras, sabia todas as canções. Depois um pássaro me levou para as costas do Céu, acima da grande tempestade e quando finalmente o vento parou de uivar como uma matilha de lobos, acordei sobre o mundo novo. E assim foi e caminhei pela Terra seca muito tempo procurando o lugar em que principiava, então encontrei esse muro e me sentei diante dele. Olhei por tanto

tempo e cantei tantas vezes as canções que começou a brotar água dos tijolos, plantei nele as sementes que trago nas minhas mãos, elas germinaram novamente o verde. Tanto tempo cantei que meu corpo envelheceu e murchou e os meus olhos esqueceram-se de ver a luz. Agora vejo o muro e a arvorezinha nos meus sonhos. Demorou muito tempo para despontar os primeiros botões, em breve irá florir, cantarei uma última vez e meu corpo poderá cair sobre a terra como pétalas seca. Os frutos virão depois das flores e de cada fruto sairão os espíritos, os seres, as coisas, os bichos que povoarão este novo mundo.

Pássaro – Aqui é o começo do mundo?

Velha Índia – Caminhei tanto ao redor do mundo que descobri que ele não tem começo nem fim. Sonhei que era para começá-lo aqui, sobre a única ruína que restou do mundo antigo e que também se desmanchará lentamente sob as raízes da floresta. Um dia este muro não será mais nada, mas continuará nas histórias que os filhos desta pequena árvore contarão aos seus filhos e netos e bisnetos. Essa árvore já será muito grande e eles saberão que antes deste mundo houve um outro e que houve uma árvore de metal que tombou despertando a fúria da Terra (Silêncio). Pequeno pássaro pousado em meu ombro, amanhã quando o sol brilhar no horizonte, você irá bater as asas e voar. Você não pertence a esse mundo e deverá encontrar o caminho de volta.

Pássaro – Eu poderia ficar e ver o mundo nascer.

Velha Índia – Sonhei que você viria e, como um pássaro que leva uma semente em seu estômago para germinar em outras terras, voaria de volta para levar essa história.